Jornal do Colégio ETAPA

primeira quinzena de março de 2010 – número 493

Emily Figueiredo Vieira Neves concluiu o Ensino Médio em 2004 e está no 6º ano na Medicina USP, preparando-se também para prestar prova de Residência em dezembro. Aqui ela fala de seus estudos e formação no colégio e do desenvolvimento do curso de Medicina, detalhando o último ano, de menos teoria, muitos plantões e bastante prática.

▶ Emily Figueiredo Vieira Neves

"Eu sabia que entrar em Medicina era difícil. Estudei bastante."

JC – Quando você decidiu seguir Medicina?

Emily – Medicina era minha prioridade desde a 7ª série, mais ou menos. Eu queria fazer algo na área da saúde e o que me atraía mesmo era Medicina.

O que motivou você a vir estudar no Etapa?

Vim conhecer o colégio e gostei bastante. Era o que eu queria.

Como foi a luta para entrar na Medicina USP?

Eu sabia que entrar em Medicina era difícil. Estudei bastante. No colégio eu me preparava com antecedência para todas as provas, ia às aulas, à revisão, às palestras sobre os livros. Participei de todas as atividades, ia ao Plantão de Dúvidas muitas vezes e estudava bastante em casa. Não tinha dia que não estudava, inclusive nos fins de semana. No 3º ano o estudo foi ainda mais intenso.

Você foi aprovada na Fuvest direto do colégio e entrou na Pinheiros [Medicina USP]. Passou também em outros vestibulares?

Passei também na Medicina Unicamp.

Como foi o início na Pinheiros?

No Etapa os professores sempre estão dispostos a tirar dúvidas. Na faculdade não tem plantão de dúvidas. Senti muita falta. Você tem de perguntar para a pessoa na hora, porque não tem como perguntar depois. E cada aula é num lugar, você tem de se locomover, estudar em livros enormes, matérias gigantescas. É bem mais complicado.

Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou no 1º ano?

O 1º ano é todo na Cidade Universitária; o 2º ano tem uma coisa ou outra na Dr. Arnaldo, mas o resto é tudo lá. Uma dificuldade era ter de ir até a Cidade Universitária. Estava com 17 anos, não tinha carro, ia de ônibus mesmo. A locomoção lá dentro não era fácil, ia a pé de um instituto a outro. Era cansativo.

Durante o curso você chegou a ter dúvida em relação à escolha de carreira que fez?

Não. Os veteranos alertam que os primeiros anos são os piores, e no 1º ano eu sofri um pouco com Química, Citologia e Histologia também. Eu achava difícil enxergar as coisas na lâmina, não conseguia ver muito bem.

➔

Nesta Edição

entrevista
Carreira – Medicina 1

pois é, poesia
Gregório de Matos Guerra 4

conto
O homem que sabia javanês – Lima Barreto 5

artigo
Cérebro do tamanho de uma noz 8

mas, más, mais
Este – Esse 8

Tinha de passar várias horas, fora o tempo de aula, estudando as lâminas para aprender a identificar. Mas depois que você começa a aprender mais coisas de Medicina, além do ciclo básico, você gosta.

O que você estudou em cada ano da faculdade?

No 1º ano a gente faz matérias com quase todas as outras áreas da saúde. Bioquímica, Biologia Molecular, Histologia, Anatomia. O 2º ano já é mais voltado para Medicina. No 1º ano tem bastante Anatomia, no 2º tem ainda Anatomia e começam as fisiologias de todos os sistemas do corpo. Há Introdução à Prática Médica, em que a gente aprende como dar uma injeção, como tirar sangue. No final do 2º ano começa a Propedêutica, aprende-se a tirar a história do paciente (anamnese) e a fazer exame físico. Isso continua no 3º ano. Tem outras matérias, Ginecologia, Otorrino, Oftalmologia, algumas coisas mais especializadas. No 4º ano tem mais especialidades da Clínica Médica, Pediatria, Obstetrícia, Ginecologia, Neurologia, Moléstias Infecciosas. No 5º e no 6º ano é o internato, a cada mês a gente troca de estágio. Formam-se grupos que passam por estágios em quase todas as áreas da Medicina. Menos as que são muito específicas.

No 5º e no 6º ano, o internato, ainda tem aulas teóricas?

Tem aulas teóricas, mas o enfoque é a prática. Os estudantes ficam nos ambulatórios ou nas enfermarias do hospital e, quando tem aula marcada, saem da atividade, vão para a aula e depois voltam.

Os estágios incluem um esquema de plantões nas diversas áreas?

Geralmente é esquema de plantão de 12 horas. Dependendo do estágio, tem plantão à noite. À noite, no começo, dá para dormir bem. Mas no 6º ano tem pronto-socorro e já não dá para dormir tão bem. Tem de revezar para dormir. Dependendo do estágio, nem se consegue dormir.

Neste ano você já passou por quais estágios?

Pediatria e Emergência. Agora estou no de Ortopedia, mas, como é mais cirúrgico, a gente não tem como aprender tanto como é. A cirurgia exige a Residência mesmo.

Juntamente com a faculdade, você teve outras atividades?

Fiz várias ligas na faculdade. No 1º ano, fiz uma liga de cirurgia do fígado. Só que como a gente ainda não tinha estudado fígado, ficava perdida. Saí e comecei a liga de hipertensão, que fiz do 1º até o 4º ano. Na verdade, fiz três ligas simultaneamente: de hipertensão na terça-feira, diabetes na quarta e febre reumática na quinta.

Você pode fazer mais de uma liga simultaneamente e ficar mais de um ano em cada uma?

Pode fazer várias, é só não bater com o horário das aulas. E pode ficar nelas quantos anos quiser.

A liga é um grupo de alunos que se reúnem em torno de determinado tema. O que eles fazem efetivamente?

Geralmente é atendimento a pacientes. Uma vez por semana os alunos atendem os pacientes, com alguém mais experiente para ensinar como é que se faz. Depois discutem com o professor. Você vai aprendendo como examinar, como fazer a história do paciente e da doença, os remédios.

Conta crédito?

Conta crédito como uma matéria optativa.

Seu primeiro contato com paciente foi nas ligas?

Foi na liga da hipertensão. É uma paciente que eu acompanhei nos quatro anos de liga. Mas na primeira vez eu estava bem receosa, não sabia direito como examinar, estava aprendendo com um colega. Esta semana eu revi essa paciente, que continua indo à liga, e ela, rindo, disse que na primeira vez que a examinei eu quase nem apertava a sua pele. "Você mudou bastante – ela disse –, agora você vem com vontade." A gente vai aprendendo e ganha mais confiança.

Você chegou a fazer algum trabalho científico durante o curso?

Fiz Iniciação Científica na Pediatria, no 3º e no 4º ano. Acho que foi para aprender um pouco como se faz um trabalho que não é fácil. Você tem de pensar no que vai falar, há uma parte trabalhosa de pesquisa e acúmulo de dados, e depois é montar tabela de tudo para conseguir um resultado. Não é simples.

Este ano, qual é sua maior preocupação?

Acho que me formar não vai ser difícil. Preocupação mesmo é a prova de Residência. E me preparar bem para conseguir ser uma médica de verdade e atender as pessoas conforme necessário.

Na Residência são mais quantos anos de estudo?

São dois anos de Clínica Médica e mais dois ou três anos da especialização.

Em qual área você pretende se especializar?

Provavelmente eu vou fazer depois uma especialização da clínica, que pode ser em Reumatologia, Geriatria ou Cardiologia. Algo assim.

A prova é em dezembro?

Em dezembro. São três fases: prova teórica, prova prática e entrevista. Faz a entrevista todo mundo que passar na prática. Depois disso é que sai o resultado final.

Como você define cada ano que passou na faculdade?

O 1º ano é o mais feliz, você ainda está naquela alegria de ser caloura, de ter entrado na Pinheiros, é um mundo mágico. No 2º ano você já está aprendendo um pouco mais de Medicina, já começa a "dançar" um pouco mais. O 3º ano é bem *light* na Pinheiros, dá para aproveitar atividades extra-acadêmicas, mesmo na faculdade, mas em horário não convencional. No 4º ano já há mais responsabilidade, tem matérias bem densas. No 5º ano você diz: "Eu acho que agora é Medicina, até agora não tinha sido tanto." No 6º ano tem a preocupação da prova de Residência, da formação mesmo, de correr atrás do que →

não deu tempo de aprender. E tem mais plantões. Você sente o peso.

Até agora, de qual ano você mais gostou?

Gostei bastante do 4º e do 5º. O 6º ano está sendo legal, mas, como falta muito para terminar, não dá ainda para dizer.

Como está o mercado de trabalho para o médico?

Tem médicos muito bem-sucedidos, que ganham bem. A maior parte dos meus professores são chefes de hospitais particulares grandes, fora serem chefes do HC. Para quem está começando a exercer a Medicina, trabalhar em pronto-socorro é a realidade. Mas, para conseguir um salário um pouco melhor, você tem de se deslocar para lugares distantes. E quanto mais distante você vai, mais problemático é. Algumas áreas na periferia não têm muita estrutura para ajudar o paciente. Estes pacientes reclamam e você também sofre. É meio complicado. Mas eu acredito que isso faz parte, todo médico passa por isso. Você também pode trabalhar em postos de saúde. Não tem muita gente que goste de trabalhar em posto de saúde e por isso o pagamento é melhor. Principalmente os mais distantes pagam bem mesmo.

Além da faculdade, qual é o maior diferencial que um médico pode ter para se dar bem no exercício da profissão?

Acho fundamental fazer cursos de especialização. E saber criar uma boa relação médico-paciente, porque isso vai ajudar a chegar ao diagnóstico inicial, a partir do qual você vai fazer seu raciocínio. Você precisa que o paciente confie em você, que ele aceite sua ajuda e conte a verdade, com detalhes. Uma vez conquistada a confiança do paciente, ele sempre vai procurar você, vai recomendar você para outras pessoas. Acho também que é importante você ter conhecidos, porque, principalmente para quem está começando, é difícil montar um consultório sozinho e ele dar certo. Muitas vezes você vai trabalhar no consultório de alguém com mais tempo de atividade, para começar a conquistar sua clientela.

Você acha que com a formação que está recebendo você sairá preparada para exercer com segurança a Medicina ou só o dia a dia vai dizer?

Só passei pelo pronto-socorro de Pediatria. No 6º ano é que você aprende como é que se faz reanimação da criança. Com as emergências mesmo, a gente aprende a lidar. Quando sair desse estágio, acho que, se precisar, estarei preparada para fazer o atendimento inicial de uma criança. A parte ambulatorial, de consultório, a gente já teve bastante e acho que estou preparada para formular as hipóteses, a conduta inicial. Mas ainda preciso aperfeiçoar. A parte de adultos ainda não tive este ano, mas acredito que, passando pelos prontos-socorros, tendo essa experiência todos os dias, a gente aprende bem.

O que você acha da parte humana na Medicina em geral? Como a Pinheiros trata essa questão com os alunos?

Não é só no 5º e no 6º ano que a faculdade nos prepara para isso. Desde o 2º ano você tem aulas de ética médica, para ajudar nessa parte mais prática de relação com o paciente, como você deve se comportar, agir, falar. Ainda assim, só ter aula teórica sobre isso é insuficiente. Só quando você está na prática, no 5º e no 6º ano, e depois, é que você vai ver realmente como as coisas são. A gente tem essas aulas e nos últimos anos tem discussões, a gente pode conversar com pessoas mais velhas, para ajudar.

Quais são seus planos para este ano?

Me formar no final do ano e prestar prova de Residência. Se não passar, vou dar plantão no pronto-socorro e talvez trabalhar num posto de saúde mesmo, para conseguir guardar um pouco de dinheiro para o futuro. E prestar Residência de novo no ano que vem.

Como o colégio foi importante para você, não só para o vestibular, mas também para a faculdade?

O colégio me ajudou a ter disciplina, organização. A Medicina é muito ampla, quando você tem uma prova, não é uma coisa pequena para estudar. Você precisa saber programar seu tempo de estudo. O colégio me ajudou bastante nisso.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Tenho bons amigos. Consegui fazer amigos de verdade aqui. Tenho contato até hoje. Namoro ainda um menino que conheci aqui. Ele faz Engenharia e forma-se este ano.

Que recordações você tem do colégio?

As recordações que eu guardo são as dos professores, que eram muito bons; dos funcionários, muito atenciosos; do Plantão de Dúvidas, que eu procurava bastante para os problemas que eu não conseguia resolver.

O que você diria a quem vai prestar vestibular no fim do ano para Medicina, uma opção que muita gente procura?

Diria que, se é isso que você quer, não pode desistir, por mais que seja difícil. Não necessariamente você precisa passar de primeira. Isso não é comum na Pinheiros. Em geral o pessoal fez um, dois anos de cursinho. Vai demorar um, dois ou mesmo três anos? Você tem de correr atrás. Estudar bastante, porque não é fácil, precisa de bastante disciplina, bastante estudo, resolver muito exercício. É isso. Medicina vale muito a pena.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343